

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trím. 9 n.ºs	N.º a entrega	12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 369	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, m. forte)	2\$500	1\$600	6950	4139		Lisboa L. do Paço Novo, ENTRADA PELA T. do CONVENTO DE JESUS, 4
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$500	—	—		Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Estrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—	21 DE MARÇO DE 1889	



CHRONICA OCCIDENTAL

Fallei ha dias aqui d'uma peça original do sr. Joaquim Miranda, *A Culpa das Paes*, com que este distincto escriptor, faz a sua estreia theatral no palco do Principe Real, e já hoje, mercê da actividade de bom agouro de que o novel dramaturgo faz prova, temos que fallar d'outra producção original do mesmo escriptor.

Agora é no theatro de D. Maria que o sr. Joaquim Miranda nos apparece e muito naturalmente n'um genero muito differente d'aquelle com que se estrelára no Principe Real.

A sua primeira peça era um drama intimo mas carregado a valer nos ultimos actos com um desfecho sinistro de tragedia; a sua segunda peça é uma singela comedia n'um acto, ligeira, graciosa, escripta a sorrir e a sorrir ouvida.

Chama-se essa peçazinha com que o sr. Joaquim Miranda abordeou a nossa primeira scena — *O Beijo de Fausto*; passa-se apenas entre quatro personagens, representa-se em vinte minutos, quasi que não tem enredo, pode dizer-se mesmo que não tem nem logica nem verosimilhança, mas em compensação tem espirito, tem graça, tem bom humor, e estas tres qualidades remiram-n'a de todos os peccados, e se não lhe deram gloria eterna — uma sorte grande de que raros se podem gabar — deram-lhe os applausos de muitas noites, e as gargalhadas espontaneas e alegres do publico, que eram o alvo unico a que o auctor mirava.

E damos por isso os parabens a Joaquim Miranda.

Quiz fazer uma comedia jovial e fel-a: procu-

rou os sorrisos do publico e encontrou-os; o no theatro como na vida conseguir o que se deseja é tudo o que ha de mais difficil.

Temos visto muitas peças feitas para fazer chorar, que só conseguem fazer rir; tenho visto peças escriptas para fazer rir que só conseguem fazer somno, tenho visto ainda peças preparadas expressamente para fazer pensar os espectadores e que effectivamente os fazem pensar... em se ir embora!

O Beijo de Fausto é uma phantasia litteraria pensada e escripta n'um momento de bom humor, sem pretensões de grande arte nem preoccupações de severa critica.

A severa critica não tem nada que ver com aquella comedia folgazã que desarma pela gurgalhada os mais austeros juizes. Tudo o que esses juizes diriam acerca do *Beijo de Fausto* a Joaquim Miranda, está farto de o saber elle, que tambem já muitas vezes tem vestido a toga de magistrado, e antes de ser julgado tem sido julgador.

OS NOVOS MINISTROS



DR. EDUARDO JOSÉ COELHO

MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS (Segundo uma photographia)



FREDERICO RESSANO GARCIA

MINISTRO DA MARINHA E ULTRAMAR (Segundo uma photographia)

Como vem parar aquelle pacato quintalinho burguez, que illuminado pelo luar parece o jardim de Gretchen, aquelles dois esturdios que, apesar d'um vir entre as dez e as onze, vem ambos fóra d'horas? Como é que o dono da casa tendo a certeza de que no quintal estão ladrões, e vendo que a sua gentil noiva está com muito medo, vai valentemente chamar a vizinhança para acudir aos ladrões, levando consigo a chave da porta e deixando sua mulher sosinha em casa com esses ladrões contra os quaes elle não se atreve a invadir sosinho?

Como é que exactamente dos dois esturdios, aquelle que está em seu juizo, aquelle que durante todo o acto está a querer sair d'ali com o seu amigo, o do grão na azn, que o enche de bons e sensatos conselhos, se presta no fim da peça á mais disparatada das loucuras, a mascarar-se de Mephistopheles n'um jardim alheio, e a vir cantar serenatas para debaixo das janellas, para que o seu amigo embriagado represente a scena do Fausto e Margarida com uma mulher que elle não conhece, unicamente para satisfazer uma fanfarronada de mau vinho?

A estas interrogações e a todas as mais que se façam responde Joaquim Miranda triumphantemente com as gargalhadas unisonas e permanentes dos espectadores: elle fez essa bluette para o publico rir, o publico ri está ganha a batalha, está alcançado o fim a que se propunha.

E se a logica e a verosimilhança nem sempre são muito bem tratadas n'esse pequenino acto, a linguagem em compensação é tratada esplendidamente, e n'essas scenas graciosas e alegres, para um bom perfume litterario, ha uma verve de bom quilato, ha mesmo algumas delicadas perolas, artísticas, como a lenda do ultimo beijo de Fausto, que a formosa actriz Amelia da Silveira diz deliciosamente.

E para ser feliz em tudo, Joaquim Miranda até foi feliz no desemponho, que a sua graciosa comedia teve em D. Maria.

Amelia da Silveira representa-a excellentemente, Ferreira da Silva magnifico em todo o papel, é de veras magistral na scena da embriaguez — a sua scena d'entrada, Pinheiro, faz com muita graça, e com muito bom linha artistica o seu papel, Eugenio de Magalhães, faz distinctamente o pouco que tem que fazer.

E agora a proposito do *Beijo do Fausto*, a proposito do original do sr. Joaquim Miranda vinha mesmo a talho de fouce cumprir a promessa que ha semanas fiz n'uma das minhas chronicas, e encabeçar já aqui as minhas considerações acerca do concurso do theatro de D. Maria, e dos alvitres apresentados tanto pelo fiscal do governo juizo do theatro, o meu velho amigo, illustre auctor dramatico o sr. Sousa e Vasconcellos, como por mais collegas meus da imprensa diaria.

Não fuço porém isso por dois motivos: primeiro porque este assumpto apesar de ser de grande interesse para o nosso país, para a litteratura e para a arte portugueza, poderia chocar aquelles dos meus leitores e não de ser muitos decerto, que nheios a coisas theatraes se fatigam com uma chronica em que se não fala senão em theatros, o segundo, porque estou adoentado, exquisto, prezo em casa por uma doença impertinente e francamente não é das coisas mais divertidas nem mais sadias tratar d'estas questões de theatro n'uma terra em que tão pouco se olha para isso e em que o tomar parte na cruzada a favor das reformas theatraes se parece muito com o pregar no deserto.

E por tudo isto em vez das reformas a fazer no theatro de D. Maria, que peço licença para deixar para outra occasião em que tenha mais saude em mim e menos theatro na chronica, vou fallar-lhes d'outro espectáculo publico tambem, mas espectáculo de natureza muito diversa — do jejumador Succì.

E não é só o espectáculo que é de natureza mui diversa, elle proprio Succì, parece ser tambem de natureza mui diversa da natureza humana.

Algumas pessoas, — uns espertalhões indigenas que explicam todos os phenomenos que por cá apparecem por mystificações ás vezes tão complicadas que chegam a ser mais inverosímeis que a propria inverosimilhança do phenomeno que querem explicar — não accreditam no jejum do jejumador italiano como não accreditaram ha annos no jejum de Tanner, o jejumador americano, e teimam e insistem com grande tenacidade que Succì se banqueteia ás escondidas durante os trinta dias de jejum e que enquanto o publico imagina que elle se sustenta como um professor de instrucção primaria, elle se alimenta como um bom abbade.

Orna francamente eu não me convergonho de ser muito mais credulo que essas pessoas espertissimas e deixem-me incluir sem vaidade no numero

dos papalvos que tomam a serio o jejum do sr. Succì, que eu nunca vi, que não conheço, e a respeito de quem portanto não tenho motivo algum para desconfiar, como tambem não tenho nenhum para ter confiança.

Mas o que nunca me passou pela cabeça foi o ser mais esperto do que toda a gente e o de imaginar que toda a gente em França, em Italia, em Hespanha sem sido illudida soloamente por esse jejumador.

Se se tratasse d'um phenomeno qualquer de feira d'aldeia eu poderia acreditar n'um espertalhão qualquer que tenha artes de illudir uma dúzia de camponios ingenuos; mas a respeito de Succì confesso que não accredito n'isso, mesmo pela razão de que acho muito mais inverosímil um homem só ter a habilidade de illudir a vigilância de tanta gente, de tantos medicos, de tantos jornalistas das principais cidades do mundo, do que haver um homem cujo temperamento especial, phenomenol, lhe permita passar 30 dias sem comer nada.

E para mim é este o segredo do Succì.

O segredo não está no tal elixir que elle toma e que ao principio se dizia ser um extracto qualquer de carne, a que elle fazia *reclame* provando assim a sua extraordinaria efficacia: o segredo está na sua constituição especial de nervoso, e na sua poderosa força de vontade.

E sabido de toda a gente que a fome, a sede e o somno, imperam muito diversamente sobre os corpos humanos, e divergem de individuo para individuo.

Ha quem possa estar sem dormir dez noites a fio, do mesmo modo que ha quem não possa perder uma noite; ha quem supporte a fome durante cinco ou seis dias, ha quem succumba a ella no fim de 48 horas, e falle-se com qualquer explorador africano elle contará os diferentes effeitos da fome que tem observado nas suas viagens através d'Africa, viagens em que muitas vezes, durante dias e dias a fome os acompanha e ás suas caravanas.

Succì é d'um organismo especial, um organismo que pode resistir muito mais á fome, que os outros organismos, e que alem d'isso tem aproveitado n'esse sentido as suas disposições organicas submettidas á obediencia d'uma grande força de vontade.

Agora o que eu francamente não acho é um grande interesse nas experiencias que elle faz, nem um grande divertimento no espectáculo que elle constitue. Solte tudo encarado esse espectáculo como tem sido em Lisboa, em que uma pessoa vai ver ao Colyseu o Succì um dia qualquer, como ia ver os Lilliputianos e nunca mais lá volta.

Isso é que eu não percebo para que sirva.

O Succì ou não se vai ver, ou então vê-se todos os dias, e a distancias certas, para ir analysando, observando o effeito do jejum, as transformações porque o seu organismo vai passando.

Eu infelizmente estou no primeiro caso, não porque não tenha curiosidade em vê-lo, mas porque como já disse, estou doente em casa, doente, que me não deixa sair, e que me obriga a escrever pouco; *quelque chose* doença é boa.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

OS NOVOS MINISTROS
FREDERICO RESSANO GARCIA

DR. EDUARDO JOSÉ COELHO

A sabida do ministro da fazenda, sr. Marianno de Carvalho e do ministro das obras publicas, sr. Emygdio Navarro, do actual gabinete, determinou uma nova recomposição do ministério, em que se encarregou da pasta da fazenda interinamente, o sr. Barros Gomes, ficando com a pasta dos estrangeiros e exonerando-se da da marinha que estava tambem regendo, e entrou para esta o sr. Frederico Ressano Garcia e para a pasta das obras publicas o sr. dr. Eduardo José Coelho.

As causas que influiram n'esta recomposição do governo, são já muito sabidas para que aqui as vamos historiar, alem de que a *Revista Politica* do Occidente já se referiu a ellas, como os nossos leitores terão visto.

Os decretos que se referem a esta recomposição do gabinete tem a data de 23 de fevereiro e

foram publicados no *Diário do Governo* no dia 26 do mesmo mez.

Os novos ministros que entram pela primeira vez nos conselhos da corda são dois parlamentares distinctos, que na camara mais tem combatido em favor do actual governo.

O sr. dr. Eduardo José Coelho nasceu em Chaves, em 1836, e em 1861 formou-se em direito na Universidade de Coimbra.

Pouco depois entrou na carreira official da magistratura, sendo despachado delegado, e em outubro de 1883 foi promovido a juiz de primeira classe.

Em 1886 passou para juiz da 1.ª vara civil da comarca de Lisboa, logar que tem desempenhado com muita intelligencia e rectidão.

Tem sido deputado em varias legislaturas, sempre pela partho progressista.

É orador fluente e tem sustentado no parlamento questões importantes em defesa do governo.

A sua experiencia na politica habilita-o a ser um bom ministro, para o que lhe não falta vontade e intelligencia, e as suas qualidades pessoais valem-lhe a estima do publico, que recebeu bem a sua nomeação para ministro das obras publicas.

* * *

O sr. Frederico Ressano Garcia, nomeado ministro da marinha, é par do reino, secretario da camara dos pares e vogal da commissão de fazenda e obras publicas.

A sua actividade e habilitações scientificas chegam-lhe para desempenhar varias commissões officiaes. Assim exerce o logar de engenheiro da camara municipal de Lisboa, que adquiriu por concurso em 1874; lente da 2.ª cadeira do Instituto Industrial de Lisboa, por concurso em 1871; lente na Escola do Exército dos cursos auxiliares de machinas, tambem por concurso, em 1880.

O caminho de ferro de cintura de Lisboa foi feito sob seu projecto e direcção e foi engenheiro do caminho de ferro de Cintra.

Collaborou largamente no plano das obras do porto de Lisboa da que foi encarregado pelo grupo de negociantes e capitalistas portuguezes.

Muitas outras commissões transitorias tem desempenhado e em que sempre deu provas de competencia.

Tendo feito os seus primeiros estudos de engenharia em Lisboa, foi completal-os nas escolas de Paris de Pontes e Calçadas, e concluiu-os aos 23 annos de idade.

Quando terminou os seus estudos em Paris, reventava a guerra franco-prussiana, e o sr. Ressano Garcia interessando-se entusiasmamente pela sorte da França, que tão bem o tinha acolhido, alistou-se voluntariamente na guarda nacional mobilizada de Paris, sujeitou-se valorosamente ao cerco da cidade e serviu nos postos avançados como simples soldado, chegando a entrar em fogo.

O sr. Ressano Garcia conservou-se muitos annos fóra da politica até que em 1879 foi eleito deputado por um dos circulos de Lisboa. Depois foi deputado pelo ultramar, e tornou a ser eleito por Lisboa.

Jornalista, foi redactor do *Progresso* e tem escriptos seus no *Diário Popular* e outros jornaes progressistas.

Eis em rapidos traços o que são os novos ministros de que o Occidente publica hoje os seus retratos, conforme costuma, sempre que ha mudanças ou recomposições de ministério.

O MARECHAL DE CAMPO

JOSÉ DE FREITAS TEIXEIRA SPINOLA
DE CASTELBRANCO

Foi no dia 7 de fevereiro proximo passado que falleceu o ultimo marechal de campo do exercito portuguez sr. José de Freitas Teixeira Spinola de Castelbranco, um militar tão distincto como professor eminente, que exerceu o magisterio durante o melhor de trinta e dois annos, com zelo e intelligencia pouco vulgar.

Nas fileiras do nosso exercito militam hoje muitos officiaes nos postos mais elevados e que foram seus discipulos. Esses se recordarão hoje publicamos do seu antigo lente, cujo retrato hoje publicamos com algumas notas para a sua biographia.

José de Freitas Teixeira Spinola de Castelbranco, filho do Dr. Mauricio José de Castelbranco e de D. Maria Dionisia de Freitas Abreu de Castelbranco, nascido em 7 de janeiro de 1801, fez a sua primeira educação litteraria no Funchal em um collegio inglez, que durante os annos da guerra com a França, ali se estabeleceu quando occu-

pada por gente e tropas inglezas; e tambem frequentando a aula regia de desenho e us do então denominado Pateo das Artes, e a de latimidade do Semitario.

Em 1816 sentou praça de cadete em um corpo d'artilheria de guarnição na Madeira, da qual era então Governador o Tenente General Florencio José Corrêa de Mello, distincto pela sua bravura e severo mantenedor da disciplina militar.

Obteve licença para vir ao reino frequentar as aulas que constituam o curso d'artilheria, e tambem a Faculdade de Mathematica na Universidade de Coimbra, onde se matriculou, depois de feitos com prospero resultado todos os exames preparatorios, em todas as aulas que constituam o 1.º anno do curso. Concluiu este com aproveitamento em 1821, tendo merecido a distincção de premio, e recebido o grau de bacharel formado em mathematica; e tambem o despacho de 2.º tenente d'artilheria, a que houvera adquirido direito pela sua antiguidade no serviço militar, e superioridade pela sua instrucção propria das armas scientificas.

Foi despachado em 1822 lente substituto da Real Academia de Marinha de Lisboa, por proposta da congregação dos lentes d'este real estabelecimento; e em resultado de concurso publico a que segundo a lei, unicamente eram admittidos doutores ou bachareis formados em mathematica; tendo obtido preferencia sobre os diversos concorrentes.

Aquelle despacho seguiu-se o ser immediatamente chamado pelo ministerio da marinha, para vir reger a cadeira do 1.º anno da Real Academia de Marinha e interromper o serviço militar, em que se achava no seu corpo de artilheria.

Em 1823 obteve passagem para o Real Corpo d'Engenheiros, e n'esta arma continuou a sua carreira militar até o posto de Brigadeiro, sendo reformado no de Marechal de Campo, contando no dia do seu fallecimento 88 annos e um mez de idade e 73 de serviço.

Em 1833 e 34 fez as campanhas da liberdade entrando nas batalhas que então se feriram, pelo que se lhe conferio a medalha de D. Pedro IV e D. Maria II valor militar; assim como houvera na de bons serviços e a de comportamento exemplar, de ouro.

Quando em 1833, no ministerio de Rodrigo da Fonseca Magalhães, foi extinta a Real Academia de Marinha e outros estabelecimentos d'instrucção publica superior, e creado para a substituir o Instituto de Lisboa organizado com o pessoal escolhido dos professores dos extinctos estabelecimentos e ainda d'alguns da Universidade de Coimbra, foi nomeado lente de mechanica do Instituto, estabelecimento que ainda começou a funcionar, mas que não foi por diante por effeito de mudança ministerial, e entrada para o ministerio de L. Mouzinho d'Albuquerque.

Foi em 1837 novamente extinta a Academia de Marinha, e creada a Escola Polytechnica, dotada com o edificio e rendimento de todos os bens do extincto Collegio das Nobres que outr'ora fôra, e pertencencia aos Jesuitas; sendo creada uma junta administrativa da escola para organizar, gerir e administrar os fundos do novo estabelecimento. Passou então para lente da 2.ª cadeira da Escola Polytechnica, e foi nomeado vogal da sua junta administrativa.

Ultiormente desempenhou gratuitamente (sem gratificação) por mais de nove annos o logar de director da escola, cumulativamente com o logar de lente até que, por motivo do seu mau estado de saúde, obteve a sua jubilação; depois de mais de 32 annos de effectivo serviço no magisterio de instrucção publica superior, e de ter desempenhado muitas e variadas comissões de serviço publico. Ainda depois de jubinado foi nomeado, na qualidade de official d'engenharia, fiscal do governo nas obras da reconstrucção do edificio da Escola Polytechnica, que durante a sua existencia na escola viu começar a erigir e concluir.

Foi-lhe conferida a commenda d'Ávia na qualidade de Lente Decano da Academia Real de Marinha e Escola Polytechnica, que segundo as leis da sua creação tinham as honras e preeminencias dos da Universidade de Coimbra, os quaes pela legislação do Marquez de Pombal, tinham commendas em determinadas circumstancias. Esta pratica nunca foi interrompida.

Foi-lhe dada a Carta de Conselho como Lente Decano e Director da Escola Polytechnica que foi durante annos, tendo publicado obras de mathematica que a Escola adoptou por compendios. Pratica analogia se observa com os lentes da Universidade de Coimbra.

Foi eleito socio da Real Academia das Sciencias de Lisboa por ter escripto um tratado d'Algebra Superior, que a Academia aceitou, e julgou

merecer de ser impresso na sua typographia, a expensas suas, pelo que lhe conferio esta distincção. Compuz mais um tratado de Geometria Analytica, que lhe offereceu.

OITAVO SALÃO

(Continuado do n.º 36)

Deixem-me dizer, antes d'ir mais longe, que os embrêchados de factura, exclusivamente superficiaes e d'um maneirismo intencionista, entretecidos, calculados, e combinados com todas as manhas da paleta para fomentar os apuros d'uma poesia querida ou d'uma singeleza sabichona, sem o ardor latente do sentimento nem as franquezas da observação, parecem aspirar a um pretencioso engrandecimento da illuminação — que, na sua languente e tosca sinceridade, foi como uma floreação rodimentar da pintura gothica, — até ás complicações e aos mandamentos do estylo triumphante de hoje em dia, fortalecido na pratica da realidade inspiradora, a que o conduziram as saudáveis metamorfoses sobrevindas na arte durante o actual seculo.

O sr. Sousa Pinto, pela parte que lhe toca, adora as subtiis mesquinhas e os arrebiques iludentes, que tolhem a expansão mascula d'um temperamento. Esforça-se, além d'isso, por ser apontado como representante d'um primitivismo bastardo e serodio, que, desandando das temas fabulações religiosas para umas pacatas scenas de genero, em virtude da philosophia de scepticismo corrente n'estes cruéis tempos d'impiedade, substitue o ideal d'uma fé peribida pelos artificios do processo, scientemente emfzados e aduados d'uma sentimentalidade sórnia; e não desdenha d'escolher um ou outro assumpto contaminado de litteratice, com o intuito de nos fabricar uma pintura transcendente, como quem julgasse tornar um visinho mais espirituoso — misturando-lhe maliciosamente uma dosagem de salsaparrilha. Ora, um pintor que recorre aos subterfugios excenricos, e foge d'aproveitar apenas os recursos prodigiosos da luz e da cor, em cuja escala infundavel cabe a consagração das innumeraveis formas e apparencias, e das imagens transitorias da creação, desde os esplendores pagãos da carne até á tranquillidade idyllica d'um lago rosado pela aurora, subtrah-se aos verdadeiros encargos do seu officio.

Dentre os pequenos quadros ambiciosos, em que Sousa Pinto prepara a natureza para chegar a resultados previstos, o *Doentinho* é o mais sympathico. De costas para o espectador, uma mulher d'aldeia vde atravessando a planura d'uma paisagem brumosa do norte; sustem ao collo a creança enferma, que repousa a cabecinha sobre o seu hombro esquerdo, cahida n'uma quietação dolente; e n'uma mão leva a garrafa vasia e a receita garstujada para um remedio. Por cima do horizonte, transparece o brilho encinzado d'uma luca de lua nova, embaraçada nas vaporesas nevoas do crepusculo, em que se decompõe ainda um clarão triste de despedida, ruborejante e violaceo; arredondam-se ao longe algumas arvores sombrias; e, no primeiro plano, d'entremeto com hortaliças rareadas, floream pintas rubras de papoitas, minuscuros malmequeres, e corollas celestes d'iris. O conjunto arranja-se n'um acôrde vago de melancolia, certamente; mas a figura, com a sua roupagem relesada de prégas, os contornados caules e as folhas das plantas, e todos os amortecidos accidentes da tela, minudenciados e desenhados com uma correcção metuclosa, são friamente tocados, como lustrosos de gôlo e relambidos por linguinhas de garo; emquanto que a akura do luar nascente, espelhada no chão, confunde-se a sem custo com uma camuda polida de geada.

Em compensação, o mesmo artista debuxa e colore os seus pasteis com uma mestria admiravel. Em dois que mandou por agora, — uma cabeca de pescador, descarapaçado e boquiaberto, com a dentuça quebrada ou apodrecida, typo d'arabe miseravel, estropiado pelo trabalho, os olhos garços, e com uma barbicha grisalha, a testa enrugada e a cara requemada pelos sóes e pelos ventos marinhos; e o busto d'uma rapariga de Vallongo, linda trigueirinha com a rubicunda flor da mocidade e da saúde na face, tendo nos olhos rasgados um espanto innocente d'animal e de virgem, com um safoço de burel preto lançado sobre os cabellos e um lenço cor de canario encruzado no peito, — em ambos vemos uma largueza briosa d'execução e uma fragrancia de caracter, que Sousa Pinto poucas vezes attingirá na sua systematica pintura a oleo.

Condeixa expoz uma composição interessante, ainda que fatigadamente archaica, o esboço para

a decoração d'um tecto, intitulado *A Noite*. A deusa amavel, que nos faz o favor d'olhar pelas nossas ressonadas somnêcas, estende o formidavel corpo nã e reclinou o grosseiro torso na concha do seu carro, arqueando e sem rodas, joradeando n'esse trenó classico ao travez das nuvens; os seus braços desencontram-se, brincando com um panejamento esvoaçante; sorti-se, de tranças desfeitas, sob o fulgor d'uma estrella; e, com as pernas levantadas, dobradas e escorçadas n'um angulo alto, dir-se-ia que symbolisa uma escada tentadora para os prazeres nocturnos, na sua posição abandonada. Em torno, um geniosinho bom rapaz empunha um facho, que arde n'uma luzerna latua de punch; outro sopra de rijo na sua buzina; e gesticola e truquina em liberdade um enxame de meninos alados, semelhantes a morecos archangelicos, sobre os quaes uma delgada souce de lua derrama a sua lumieira astral. O acabado quadro da *Praia do Inglez morto*, bem perspectivado na ligação dos planos, que vão d'uma á outra margem do Tejo, nas proximidades da barra, tem bocados que parecem lavados a aguarella, nomeadamente o atropellado montão das fragas, á direita. Preocupando-se com a voluntaria difficuldade d'um caso de luz artificial, Condeixa soube passar com geito e cautela ao lado da verdade, e executou n'uma gamma trabalhosa de moins tintas o magnifico estudo da *Serão*, com o seu interior honesto, onde uma senhora inclina a cabeça e junta as mãos sollicitadas pela tarefa ligeira d'um bordado, na dubia claridade quebrada d'um candieiro de petroleo. O effeito coruscante do *Mar ao meio dia*, em que um sol d'estio accende rasplandegencias de prata no dorso verdeoengo das aguas, cheia a talo, como uma moeda demasiadamente fulgida. E, ao mesmo tempo, nota-se que o Condeixa não observa nem sente a fulgorosa vibração e a cor-deal alacridade da luz commum de cada dia, porque continua a brochar, n'um descuido coincidente, manchas de paisagem denegridas e baças, como se fossem abafadas n'uma velatura de treva.

A figurita do velhote que, sentado á sua janella, está *Olhando a tempestade*, com um ar de bondade na cara encorrenda e tostada, é d'um escrupuloso desenho, pintada com o esmero de não sei que virtuosidade affectuosa.

Provavelmente Malhoa não pertence ao numero eleito dos artistas que, quando traçam uma pagina ou uma tela, soffrem a influencia guladora d'uma imponderavel esthesia espontanea, contida na essencia funcional do proprio ser, borbulhando da fatalidade da sua organização como os veios d'uma fonte invisivel na espessura d'um relveiro; e, desconhecendo tambem as leis geraes da esthetica, cõe no erro de se fincar com apparato em certas formalidades, puramente escolares. Assim, no inominado retrato da *Noite*, obadege com tal empenho a um rotineiro preceito, que manda aristocratizar e afinar as extremidades do corpo humano, por mais energicas e rudes que ellas sejam no modelo, — como se até a manipula escorchada d'um rachador de lenha não offerecesse a eloquente belleza do seu caracter especial, — e deram-se tão gostosamente a modelar a branca mãozinha, que este membro apreciavel passa a despegar-se do conjunto, destoando com uma saliencia de chamariz, sem de todo conseguir ornar-se d'uma distincção assignalavel. A supposta esposada afasta da cara ofoguada e forte em cor o veu diatano, que lhe pende da cabeca, amarrado n'uma flaccidez de penaugem transparente de perfil, acamados sobre a fronte os abundantes cabellos trevosos, fixa algures o olho negro, d'um veludo fludoso, emquanto o seu formido peito arde dentro d'um corpete de setim alvazento; e, exceptuada a mão, defeituosa á força d'aportofeioamento, a figura e os accessorios são valentemente pincelados, com a frescura e a attrahencia d'uma factura expedita.

De resto, as serviços qualidades do vigor, contrariadas por matreiras e renitentes arumanhas, avultam por equal nos outros quadros apresentados por Malhoa, — tanto no desageitado entrecho do *Colleccionador*, em que um cavalheiro bastante desproporcionado, e engalanado maniacamente d'uma farda envelhecida, calva e com as faces enfarruscadas de toques carminaceos, mira com a sua lente um objecto qualquer; e na paisagem larga do *Abdoral*, prejudicada pelas violentas chapadas de sombra, que se enicham por entre a verdura do primeiro plano; como no espectacular estudo do *Crepusculo*, onde a atmosfera, irradiada d'um luxeiro de pedraria fundida e accessa, e passada de nodos de sangue que por lá esfregam algum dedo sobrenatural, desconcorda bruscamente com a escuridade da terra, visitada já pela noite pressurosa.

(Continúa)

Monteiro Ramalho.

8.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»



O DOENTINHO (Salon de 1887)
QUADRO DE SOUSA PINTO



ANTES DO TRABALHO
QUADRO DE GRECO



VOLTA PARA A ARRIBANA, ARRABALDE DE LISBOA
QUADRO DE SILVA PORTO



A PRAIA DO INGLEZ MORTO, PAÇO D'ARCOS
QUADRO DE CANDEIA
(Desenho de L. Freire) — Vid. artigo Oitavo Salles



MATTA DA CORUEIRA
QUADRO DE CHUSTINO DA SILVA
(Desenho do mesmo autor)

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

VI

OS CORREIOS

(Continuado do n.º 368)

Entretanto a esphera de acção do cargo de correio-mór ia-se alargando enormemente e os lucros avolumavam com extraordinária rapidez. Achava-se no throno a rainha D. Maria I, o marquez de Pombal havia sido deposto de todos os seus cargos e exilado, mas os effeitos prodigiosos da brilhante administração do grande estadista ainda se reflectiam beneficentemente em todo o paiz. As exigencias do commercio, tanto interno como externo, haviam avultado; a industria nacional achava-se prospera e a nossa preponderancia alastrava-se por toda a Europa fazendo Portugal conhecido e respeitado. Estava então dirigindo o governo como chanceller José Seabra da Silva e pensou-se dar aos correios e postas do reino mais ampla disposição e maior latitude passando esses serviços para o estado.

Em vista d'isso Rodrigo de Sousa Coutinho, então ministro da marinha, foi encarregado pela soberana de propor ao correio-mór a cedencia do seu rendoso officio por uma qualquer indemnisação, que, desde logo se julgou deveriam ser avultadissima, como fabulosamente avultados eram os lucros d'aquelle valioso patrimonio.

Era então senhor do dominio dos correios Manoel José da Maternidade Matta de Sousa Coutinho, 8.º correio-mór, que, consultado sobre o assumpto accendeu a venda com as seguintes clausulas:

- 1.ª Dar-se-lhe o titulo de conde de juro e herdade em tres vidas.
 - 2.ª Conservação das honras de creado da casa real.
 - 3.ª Renda annual de 10 contos.
 - 4.ª Pensões vitalicias de 400.000 réis a diversas pessoas.
 - 5.ª Concessão de um ou dois postos no exercito.
- Que a porta das postas produzisse tantas ditas para o feliz correio-mór era isso muito provavel, e até muito natural, mas que ainda sobre tantas postas elle padisse dois postos no exercito, isso é que fez pasmar muita gente e que custou mais a engulir ao ministro proponente.

Seja porém como fôr, o que é facto é que tudo se fez na graça do Senhor e na mercê da rainha. O contento de venda foi assignado em 10 de março de 1797 e Manoel da Matta Coutinho feito conde de Penafiel, por alvará de 17 de dezembro de 1798 a gentil homem da camara de sua magestade.

Mais tarde foi nomeado par do reino, ministro plenipotenciario, etc. etc.

Em breve a riqueza d'esse homem attingiu proporções colossaes, que ainda mais avultaram quando o governo resgatou aquelle pesado fardo pela somma de cem contos de réis.

No entanto estava satisfeito a vontade da soberana. Os serviços do correio voltaram a fazer parte da administração do estado, passando ás attribuições da ministerio dos negocios estrangeiros.

Foi então creado o correio geral e extinto o officio de correio-mór. Creou-se a sub-inspecção dos correios sendo nomeado sub-inspector, por decreto de 20 de janeiro de 1799, o desembargador José Diogo de Mascarenhas Netto, homem de grande actividade e notavel merecimento.

Na mesma data foi restabelecido o correio marítimo, e dizemos restabelecido porque já muito anteriormente se havia creído o officio de *Correio-Mór de Mar* cujo regimento é datado de 9 de junho de 1657, mas que parece não ter sido posto em vigor porque os avisos e as ordenações posteriormente publicadas nada dizem a tal respeito.

O alvará de 15 de fevereiro de 1819 regulou o serviço dos correios entre Portugal e o Brazil, a portaria de 13 de julho de 1821, passada pelo ministro da marinha Joaquim José Martins Torres, estabeleceu o serviço dos correios marítimos para as ilhas, bem como a de 13 de fevereiro de 1816, que determinou que os correios para Cabo Verde tocassem na ilha da Madeira. Mais tarde foram estabelecidos os correios para a Africa bem como para a India e Macau.

O serviço interno da pequena posta foi regulado pela primeira vez em 7 de maio de 1800. Por essa reforma postal que dividia Lisboa em 17 districtos postaes foi creada uma entidade nova: a dos *entregadores ou carteiros*.

A correspondencia era deitada em caixas, sob

a guarda e vigilancia de logistas que ficaram sendo os *fieis da correspondencia*. D'ali eram levadas as cartas ao Correio Geral e distribuidas pelos carteiros pagando o destinatario ao réis por cada uma que lhe fosse entregue.

Em 16 de março de 1797, Antonio de Araujo Azevedo, ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, foi nomeado *inspector dos correios* com superintendencia n'esses serviços. Em 1 de abril de 1799 as repartições do correio foram transferidas do palacio do Correio-mór, a S. Mamede, para o palacio do monteiro-mór aos Paulistas.

Em 16 de janeiro de 1805 foi exonerado José Diogo de Mascarenhas Netto, sendo tres annos depois creado o logar de *sub-inspector gratuito* (8 d'abril de 1805) mas parece que tal logar paraamente honorifico, nada produzia de util para o serviço, porque em 11 de dezembro de 1807 foi nomeado sub-inspector Joaquim de Moraes, pago pelos cofres do estado. A este seguiu-se José Barreto Gomes, e, pela invasão dos francezes serviu como inspector um tal Juvin, que, se precisamente, para sua gloria, não foi o progenitor do preconizado inventor das machinas de coser luvas, conhecidas por este nome, tornou-se ao menos saliente pelas suas ignobis violações na correspondencia que se lhe alligava suspeita.

A Juvin seguiu-se pelo restabelecimento do governo portuguez, Lourenço Antonio de Araujo, que administrou dezeseite annos, e depois o contador Manuel Ferreira Barbas.

(Continua)

Silva Pereira.

CONTOS DE HOJE

IV

(AO MEU AMIGO DR. F. FERREZ DE MACEDO)

Ninguém calcula o terrivel flagello que são «meias palavras» como se diz vulgarmente.

Pois temos consciencia do que dizemos e não nos atrevemos a explicitar o claramente! Então é melhor que taes affirmações, decapitadas nunca nos transponham os labios. E, se a imaginação do agredido é tão brilhante que o faça viver fóra do escuro trou mundano, então vem a ser um verdadeiro crime, ir envenenar santas aspirações, afogar essas expansões brilhantes que são para certos espiritos de selecção, como que o motor de vós geniaes que a historia do mundo guarda no seu livro de ouro.

É ponto incontroverso, no dizer conceituoso do artista da «*Comédie Humaine*» que temos teclas interiores que determinados sons fazem mover, correspondendo a estas os centros nervosos onde nascem as nossas idéas e sensações. E é assim que vemos na Arte uma collecção de meios pela qual conseguimos pôr o mundo externo em contacto com est'outra natureza, poderosa de sublimidades, chamada *vida interior*.

Imagine-se uma criação sublime! onde todas as maravilhas do mundo visível se achiam reproduzidas com uma amplitude grandiosa, e de uma delicadeza e extensão incomensuráveis; onde as sensações infinitas do altissimo gozo só attingem certas organizações selectas, — uma criação emfim, inspirada n'um ente a quem o nosso amor insultou o jacto divino!... Imagine-se tudo isto, e teremos uma ideia dos gosos transcendentales que nos tornam phantasistas, só para nós, como no grande espirito de Balzac quando produz os amores da *Massimilla Doni*.

Ninguém calcula o terrivel effeito d'uma phrase hesitante de *meias palavras*, n'um espirito que tenha attingido essa sublime criação. E, desgraçadamente, eu bem sei que um homem, — depois de atravessar por essa esphera, onde mal vivem obras materias pelos processos de imitação, — eu bem sei que esse homem não pode ser comprehendido na geração moderna. Embora venha bater nos no cerebro, com a cadencia secca das pancadas de uma pendula esta phrase:

—Coragem!... e espera.

Ai! ninguém calcula o terrivel flagello que são as *meias palavras*!

Por meio d'ellas pode-se ferir, insultar e commetter toda a casta de sacrilegio sem a menor responsabilidade.

De que serve perguntar ao misero que anda esmolando se tem filhos?... e obrigar o a recordar a triste historia, que elle deve ter sempre presente na miseria que o rodeia, se o não queremos ajudar, ou se não podemos fazel-o? Não seria

mais correcto distrair-o, affastal-o do quadro que o punge, animal-o? Porque, se não podemos dar-lhe dinheiro, quando o não tenhamos elle encontraria no menos no conforto das nossas palavras, affecto e respeitosa consideração que tambem são alimento para o espirito. Pois não seria para este desgraçado, uma esmola bem avultada fazel-o esquecer tudo, junto a nós?

E na vida intima? na vida do *ménage*, como hoje se diz?

Ai d'aquelle que ao chegar a casa, depois de um dia de trabalho insano só ouve da esposa que o visinho do lado comprou um vestido novo para sua mulher, accrescentando ella ainda com ar de trabalho:

—Aquella foi feliz!...

E não repara, não quer ver, que o pobre marido trabalhou todo o dia, soffreu muitas mais humilhações do que ella, para a fazer feliz como «a outra»... E vê-o, ali, extenuado, cansado, exausto, sedento de consolações que o podem tornar escravo da que lhas der, esperando a tremor de impaciencia um sorriso que adivinhe e premeia os seus esforços, os agos sacrificios... e ella, então, agradece-lhe, anima-o:

—Se tu ganhasses mais alguma cousa, talvez se...

E nem olha para elle, não lhe vê a cora macilenta, o olhar amortecido, vago, como o dos que olham sempre para o futuro... e pergunta-lhe quem sabe se no mesmo dia em que elle teve uma querella com o mestre, o chefe, o superior, o senhor, — conforme o desgraçado é operario, subordinado ou escravo, e pergunta-lhe na sua inexoravel distracção:

—O teu chefe que é «tão teu amigo», não poderia...

Outra reticencia, outra phrase decapitada. É horroroso isto!...

É um estado dilapidador!...

O desgraçado se ainda tem sangue, se o não gastou no dilapidar intimo, constante, só lhe serve já para ter uma congestão cerebral que o faça bater no sobrado como uma massa inerte. Se ainda tem vibrações na alma, como não soffrerá! Que horror! abalo na sua imaginação do artista, por aquella innocente *conversa* que é uma accusação gratuita; por aquelle apparente interesse que o toca n'uma viva censura que vem poneral-o até rasgar-lhe as entranhas!... Todos os seus sonhos, toda a sua ambição era a conquista d'aquella alma de mulher que suppunha ter elevado pela educação moral do verdadeiro amor; todos os seus planos e aspirações eram accordes com ella.

Viviam sós.

Tinham vivido felizes... mas um dia tomara-a uma aspiração de hystérica. A familia d'ella havia vindo vizital-a aposando noticias de *casamentos felizes*, em que os homens tinham sempre tudo que as mulheres desejassem.

E circulava na casa como um vento tempestuoso esta phrase:

—É verdade que elles, tambem trabalham muito; a verdade deve dizer-se.

E ella concluia, muito rapidamente que o seu homem não trabalhava tanto como os outros...

E o vestido novo da vizinha passava-lha pelos olhos como uma fita de fogo...

E não via o pobre marido com os cotovellos fincados na mesa, a cabeça encaixilhada nas mãos crispadas pela tempestade interna, os olhos fitando a sopa, que esfriava lentamente como um corpo perdendo a vida, espelhando na superficie pallida do caldo todas as scenas de humilhação a que se expusera nas irriações da vida do trabalho.

A pequena casa de jantar parecia-lhe enorme, muito fria, só, sem mulher, sem conforto...

E ella, irritada, muito nervosa por elle não fallar, incitava-o:

—Côme, anda! Se continuas assim, d'aqui a pouco, magro como estás, não podes fazer nada...

Elle então, bruscamente accordado, teve para ella um olhar embrutecido, basso, não a reconhecendo, e como que admirado de a ver ali!

Sentia-se tão abandonado que imaginou estar, de facto, só!...

E era aquella... a sua querida mulhersinha, o seu descanso, o seu premio! Ella, por quem elle anhellava na faina do trabalho como a fonte de agua, o oásis, em que elle retentaria as forças para a grande lucta pela vida!

Era aquella... era!

Porem elle, — coitado! — não adivinhara que a familia d'ella viera vizital-a trazendo o assumpto dos *casamentos felizes*, nem sabia que a vizinha tinha um vestido novo, nem que elle proprio estava magro, macilento, sem as galas d'um inútil

galanteador, — não sabia, coitado! — não sabia nada! Só sabia que trabalhava noite e dia por causa d'ella... Afazendo-se-lhe o futuro na sua frente, como no supplicio do *mainho* em Londres...

Não teve uma lagrima o infeliz. Mas, desde aquelle dia, nunca mais lembrou no ardor do trabalho o perfil honesto da sua querida mulhersinha, nem a sua alegre casinha, sem que os olhos se lhe injectassem de sangue, como nos desgraçados que já não têm lagrimas, porque lh'as levou a lesão no coração...

E contudo ella podia salvá-lo ainda, apenas com estas palavras:

— Pobre amigo! Tens trabalhado tanto por minha causa. Coragem! e... espera melhores tempos...

É bem certo que ninguém calcula o terrível flagello que são as meas palavras...

Manoel Barradas.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XI

— Torne-me a dizer quem é? pedia de novo a sr.^a Leitão um pouco mais tranquilla por que a voz que acabava de ouvir lhe parecia outra vez muito a voz do Quim, apesar de todas as duvidas intermedias que as suspeitas da cosinheira tinham lançado no seu espirito.

— Sou o Quim, minha senhora, sou o Quim, um seu creúdo, como já tive a honra de lhe dizer.

Mas a sr.^a Leitão quiz ainda ter mais provas de que era o irmão da Emília quem estava na escada e pediu-lhe:

— Então, se é o sr. Quim queira dar-me alguns signaes certos para eu o reconhecer.

— Ora essa! que signaes? perguntou da banda do fora a voz do Quim muito admirada.

— Uas signaes quaisquer que me provem que realmente é o senhor.

— Que lhe provem que sou eu; então se eu não fosse eu quem havia de eu ser? interrogou de lá o Quim.

— Eu sei! Bem vê que a sua estada ahí a estas horas é tão extraordinária!

— Quer então que lhe comprove a minha identidade, não é isso?

— Quero que me dê signaes certos por onde eu o possa reconhecer.

— Signaes certos? Olhe, a descripção do incendio feita pelo filho do Pereira.

— Este é certo! disse em voz baixa para a criada a sr.^a Leitão.

E em voz alta ainda pediu:

— E que mais?

— O ataque de nervos da sr.^a D. Rita!

— E que mais?

— A queda do candieiro de petroleo.

— E que mais?

— Um beijo dado em V. Ex.^a.

— E elle com certeza, exclamou a sr.^a Leitão so-

cegada e radiante.

E cheia de confiança, desvanecendo todos os seus medos ia a abrir a porta.

Mas de repente assaltou-a ainda uma sombra de receio.

E perguntou:

— Com quem está o senhor ahí?

— Com quem estou?

— Sim.

— Com ninguém. Então com quem havia de eu

estar a estas horas na escada de V. Ex.^a?

— Está sosinho?

— Sim, minha senhora.

— Palavra de cavalheiro?

— Palavra de cavalheiro.

— Hum! não me cheira, segredou incredula aos ouvidos da sr.^a Leitão a cosinheira, então elle é um só e anda como dois.

— É verdade! disse a sr.^a Leitão em voz baixa, nós ouvimos distinctamente quatro pés a subirem a escada.

E erguendo a voz contestou á affirmativa do Quim.

— Tem a certeza de estar sosinho?

— Ora essa! então não heide ter?

— Mas como explica então o senhor, os quatro

pés?

— Quaes quatro pés? pergunta o Quim muito admirado.

— Os quatro pés que subiram agora mesmo a escada.

— Quatro pés a subirem a escada?

— Sim, eu ouvi distinctamente.

— Ouviu quatro pés! repetiu elle.

E depois occorrendo-lhe de repente o que devia ser, d'onde vinha a confusão, continuou rindo:

— Ah! já sei! já sei o que é? os quatro pés eram eu!

— O senhor? perguntou a sr.^a Leitão meio incredula.

— Sim, minha senhora, os quatro pés eram eu a subir. Como a escada está muito escura porque já dei cabo de todos os phosphoros, e eu tive que subir quando V. Ex.^a me chamou, subi com os pés e com as mãos para não dar algum trambolhão.

— Não percebo.

— Os quatro pés que V. Ex.^a ouviu, continuou o Quim explicando, eram os dois meus pés, e as duas minhas mãos. Dois e dois fazem quatro!

— E isso, é, disse para a cosinheira a sr.^a Leitão convencida e abrindo a porta.

E finalmente o Quim entrou!

— Eu peço desculpa a V. Ex.^a de vir incommodar a esta hora que não é lá muito propria, começou a balbuciar o Quim.

— Ora essa! Para o sr. Quim nunca ha horas improprias, respondeu muito amavel a sr.^a Leitão.

O Quim olhou para ella e vendo-a de pé descalço, sem coifa e chale, fez-se muito vermelho e tornou muito confundido.

— V. Ex.^a é muito amavel, mas se as suas palavras dizem que a hora é propria a sua *toilette* dizem-n'o bem que ella o não é.

A sr.^a Leitão, reparou n'esse momento a figura em que estava, e tomada de subita vergonha, disse apenas:

— Ai! meu Deus! como eu estou!

E desatou a correr pelo corredor fóra, para o seu quarto de cama deixando o Quim só com a creada, cujos trajos eram igualmente menores.

— Eu não quero incomodar, disse o Quim muito corrido.

— Pois para quem não quer incomodar não me parece que escolhesse lá muito bom caminho, disse a creada, que não era de cerimonia nem tinha papas na lingua, desde esta tarde que não tem feito outra coisa cá em casa senão incomodar toda a gente.

O Quim ficou muito desapontado com esta franqueza dura e desculpou-se envergonhadissimo.

— Pois se tenho incomodado não tem sido por querer, tem sido a fatalidade. Eu só o que queria agora era fallar a minha mana.

— A sua mana não está cá!

— Ah! não está?

— Não senhor, o patrão já lh'o disse.

— Ah! aquella voz grossa que me mandou para o diabo era a do sr. Leitão.

— Sim senhor, elle está furioso com o senhor.

— Ah! está furioso?

— Está damnado e se o apanha é capaz de lhe dar uma sova de o desancar.

— Então, com sua licença, disse aterrado o Quim recuando para a escada.

— Mas a senhora foi-se vestir para lhe fallar.

— Não é preciso, não é preciso, tornou o Quim recuando sempre, visto não estar cá a mana não preciso fallar com a senhora.

— Mas... ella vem já ahí...

— Não senhora, sem incomodo, sem incomodo...

E o Quim desatou a correr pela escada abaixo, não fazendo caso nenhum das instancias que a criada debruçada do patamar fazia para elle esperar a sr.^a Leitão, e aproveitando a luz que a criada trouxera ao patamar para descer a escada o quatro e quatro.

Vendo o Quim mais perdidias as suas instancias e que o Quim lá já na rua, a Anna voltou para casa, desconsolada, com a consciencia de ter fallado de mais, de ser a culpada do Quim se ter ido embora.

Quando ella entrava em casa e fechava a porta da rua, apparecia no fim do corredor a sr.^a Leitão em *toilette* feita á pressa para receber dignamente o Quim.

— Manda entrar para a sala.

— Quem? perguntou a cosinheira sentindo todos os espinhos cruciantes do remorso.

— O sr. Quim!

— O sr. Quim?

— Sim.

— Foi-se embora.

— Foi-se embora?

— Sim, minha senhora.

— Ora essa! Para onde?

— Eu sei lá.

— Mas então elle foi-se embora sem esperar por mim?

— Sim senhora.

— Essa é unica! Então elle passa uma noite toda escuras na escada a arranhar na porta, o quando no fim de tudo se lhe abre a porta vas-se embora?

— Eu não sei.

— Deixa-me ir vestir para o receber... e safa-se.

— Eu disse-lhe isso mesmo; que ficasse, que se demorasse mais um bocadinho, que esperasse pela senhora...

— E elle? Elle o que disse?

— Disse que tinha muito que fazer, que sem incomodo e deixou a correr pela escada abaixo.

— E vá lá uma pessoa ser delicada com certa gente! exclamou a sr.^a Leitão fula, desponsada e muito arrependida de ter tido o trabalho de estar a fazer *toilette*. E eu tão tola que o queria receber, para lhe pedir desculpa em nome do sr. Leitão! Ah! Bem fez elle, o meu marido! Elle é que sabe viver com esta sucia de malcreados! Foi-se metter na cama e mandou-o para o diabo que o carregue.

E indo pelo corredor fóra para o seu quarto, despindo-se pelo caminho com muito mau humor, encostava estes louvores á má creação do seu esposo, que momentos antes tanto verberara ainda e metteu-se na cama resmungando:

— Bem fez elle! Eu digo o mesmo que elle disse! Que esse idiota do Quim vá para o diabo que o carregue!

E d'ali a um quarto d'hora tudo repousava finalmente em casa do sr. Leitão.

(Continúa)

Gervasio Lobato.



REVISTA POLITICA

De vez em quando é costume apparecerem certas questões já muito velhas, mas que surgem n'um dado momento como se fossem novas, provocando grande admiração no publico e varias portarias na folha official, com que todos ficassem satisfeitos para continuar a sonar.

Agora por exemplo veio ao de cima a emigração. Toda a imprensa pelas suas mil tubas tem apregoadas as mil traficancias que se estão operando com essa escravatura branca que se chama colonos enganados. Todos os dias se publicam correspondencias das regiões para onde são destinados aquelles colonos, contando a triste realidade que os espera, experimentada pelos que os precederam na emigração; e para cumulo de todos os males aponta-se para grande parte das terras do norte do país, ermos de homens validos, que abandonando as suas pequenas lavouras, as suas familias, o seu lar, partem fascinados pela ambição de sonhadas riquezas, que elles não sabem como adquirir, mas que isso os não impede de se deixarem embalar com promessas, que só a sua ignorancia lhes permite acreditar.

Tudo isto que de tempos a tempos vem encher as columnas dos jornaes, e incitar as accusações contra os governos, é, infelizmente, um mal muito velho, que está minando a nação, enfraquecendo as suas forças vivas do trabalho, e ao passo que se abrem estradas de ferro e transportes accelerados em todo o país, essas communicações rapidas só servem para mais rapida e facilmente conduzirem os seus habitantes para a emigração, porque productos agricolas, ou outros, cada vez tem menos que transportar pela simples razão de não haver quem os fabrique.

Grémios que remediar este mal, nos deve interessar muito mais do que saber se o governo perderá ou ganhará as futuras eleições; se os galopins progressistas do Porto, deram sócos nos galopins regeneradores, porque tudo isso não passa de comedias para rir; mas quando a emigração cada vez mais crescento exige remedio mais energico, os governos repelem portarias, recommendando a fiel observancia das leis que respeitam a emigração.

Ora estas portarias são de bom sabor, porque ou implicam uma censura ás autoridades que tem de cumprir a lei e a não cumprem, ou provam que essa lei não satisfaz á questão, porque cumprindo-se não evita ou cohibe a emigração.

De tudo deve haver um pouco, porque afinal o cumprimento das leis não é o nosso forte, mas paremos que d'esta vez ainda que as autoridades desenvolvessem um zelo pouco acorde com os seus habitos, as cousas não marchariam melhor, porque a lei é deficiente, e as causas da emigração não se combatem com ella.

Deem-se garantias á agricultura e mais industrias

nacionais. Desenvolva-se com proficiência e sinceridade o ensino primário e industrial, estudem-se as indústrias que melhor se possam nacionalizar, pela aptidão dos operários e pelas matérias primas que mais abundem no país, olhe-se emfim para o trabalho nacional, porque elle é só elle é a vida e a garantia da nossa independência, e a emigração cessará, porque não tentará ir buscar fóra o que já lhe não falta no seu país.

As portarias poderão dormir sociegadas, e as comissões que andam a estudar as causas da emigração e os meios a oppor-lhe, não terão o trabalho de todos os meses irem receber as respectivas gratificações.

Alongam-n'os demasiadamente n'esta questão, porque em fim ella é de tal monta que merece um pouco da nossa seriedade, muito mais do que uma outra questão que anda latente: a da representação official de Portugal, na exposição de Paris.

E não se diga que d'esta vez perdeu com a demora. Não senhor. A representação faz-se como nunca se fez, allento o estado-maior que já se acha nomeado para ella. Verdade, verdade que as coisas urgem, e portanto é necessário suprir em braços e em cabeças o que falta em tempo; e assim temos que, além dos delegados da Associação Industrial Portuguesa e da Associação de Agricultura, encarregados de organisarem a exposição, ha delegados e commissario do governo com acolythos, fóra o mais que ainda apparecerá, de que nos surge uma duvida no nosso espirito, se iremos ali apresecar os productos da nossa industria se os productos da nossa raça.

Se a nossa industria val tão pouco, que um ministro diz em pleno parlamento que nada tihamos a lucrar com as grandes exposições estrangeiras, que de resto só aproveitavam aos commissarios do governo, custa-nos a crer que seja precisa tanta gente para cuidar da representação d'essa pobre industria, e ainda mais nos custa a crer que o commissario agora nomeado pelo governo seja o proprio ministro que fez aquella declaração!

Tableau.

Pois é um facto, de que hem se pôde dizer: *d'esta agua não beberei, d'esta exposição não comerei.*

E agora caro leitor se queira saber ainda do melhor, sempre vos quero dizer que a nossa exposição em Paris parece que vai ser feita com os museus nacionais, o que não deixa de ser uma gloria para a nossa industria actual e um perigo para esses museus.

E se não digam-nos que bellas colleções geologicas, mineralogicas, anthropologicas, colonias, etc., não deverá escolher Bordallo Pinheiro n'esses museus, para ir para Paris?

E enquanto o eminente artista andar todo preocupado a escolher fósseis e sílex, o sr. Estacio da Veiga, o sr. Delgado e outros vão desenhando os Pontas nos e modelar a loiça das Caldas.

João Verdades.



RESENHA NOTICIOSA

CAMILLO CASTELLO BRANCO.—Foi no dia 16 do corrente 63 annos de idade o grande escriptor portuguez Camillo Castello Branco, a mais robusta personalidade da nossa litteratura contemporanea.

No nosso pequeno mundo litterario e artistico esse dia foi um verdadeiro dia de gala; e a despeito das amarguras da doença que tem quebrantado nos ultimos tempos o corpo e o espirito do nosso primeiro

prosador, esse dia deve ter-lhe sido de allivio e consolação pela unanimidade das manifestações de respeito e veneração que correram a render-lhe a casa da sua habitação amigos e admiradores de todas as classes sociais, especialmente das letras e artes.

O *Jornal*, jornal do sr. Thomaz Ribeiro, velho amigo do illustre romancista, publicou um numero especial, em honra do mestre, collaborado por representantes de toda a imprensa da capital.

A mocidade, sempre generosamente entusiasta, apresentou as suas homenagens de felicitação, representada por deputações do Lyceu e das escolas superiores, destacando se entre estas a Escola de Bellas Artes que acompanhou a sua de uma bonita corda de louros e flores de urze.

E por iniciativa do illustre paisagista Silva Porto e dos seus amigos Monteiro Ramalho e João Sincero, foi tambem offerecida a Camillo Castello Branco uma mensagem de felicitação assignada por 30 nomes de escriptores e artistas, acompanhada de uma grande e formosa corda de louros e flores naturaes.



O MARECHAL DE CAMPO
JOSÉ DE FREITAS TEIXEIRA SPINOLA DE CASTELBRANCO

FALLECIDO EM 7 DE FEVEREIRO DE 1889

(Segundo uma photographia)

A mensagem, cuja redacção pertence ao nosso distincto collaborador, o sr. Monteiro Ramalho, dizia singelamente:

Alguns trabalhadores, a quem os livros de Camillo Castello Branco tem servido de estímulo e de consolação, saudam hoje a Mestre, o grande artista da litteratura portugueza.

A coroa foi toda tecida pelo sr. João Sincero, bem conhecido pelos seus trabalhos de critica e entusiasmo pelas coisas d'arte. E a mensagem foi escripta pelo pouco do nosso primeiro poeta, o grande lyrico e gloria da nossa patria, João de Deus, que iniciou a lista das assignaturas, dando a esta manifestação o mais alto valor que ella poderia ter.

A sua assignatura seguiu-se as de uma grande parte dos nossos primeiros talentos, como:

Silva Pinto, Emyglio Navarro, Barbosa Colen, Abel Acacio, Alberto Braga, M. da Silva Gayo, Silva Lisboa, Marcelino de Mesquita, Dantas Baracho, Joaquim Tello, Antonio Ennes, José d'Alpoim, Anselmo d'Andrade, Alfredo Brandão, J. T. da Silva Bastos, Carlos Lobo d'Avila, Bernardo Pindella, Magalhães

Lima, Gualdino Gomes, Fernando Leal, Narciso de Lacerda, João Chagas, Simões d'Almeida, Alberto Nunes, J. M. Rato Junior, José Malhó, João Vaz, Adolpho e D. Josephina Greco, Colombano, Rafael e M. Gustavo Bordallo Pinheiro, Julião Machado, Carlos Reis, Antonio Ramalho, Francisco Villaça, Alfredo Keil, Silva Porto, João Sincero, Monteiro Ramalho, etc.

Corda e mensagem foram entregues pelo sr. Abel Acacio, amigo pessoal de Camillo, sendo acompanhado pelo grupo iniciador d'esta manifestação lio sympathica pela sua importancia e despretensão: e foi a esposa do grande escriptor, a sr.^a Viscondessa de Correia Botelho quem os recebeu, assim como as mais deputações e visitantes, em virtude do estado de saude ainda melindroso do illustre enfermo.

Fazemos sinceros votos para que a sciencia consiga debelar os males que o affligem; e confiamos que brevemente o grande Mestre voltará a vida das letras, para continuação da sua gloriosa carreira e maior brilho e lustre das letras patrias.

Exposição.—A direcção da Caixa Economica Operaria, estabelecida em Lisboa, na rua da Infancia, á Graça, resolveu realizar no proximo mez de maio, uma exposição de productos da industria dos seus associados e ainda dos estranhos á associação, mas que sejam de produção nacional.

Esta exposição, inaugurada no proprio edificio da sociedade, durará dois meses e a sua entrada será gratuita.

Uma commissão executiva encarregada de organizar a exposição, dará o seu parecer sobre os productos que mais interesse despertarem no publico, e propôrá os expositores que devem ser premiados com menções honrosas.

É muito louvavel esta iniciativa.

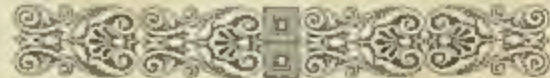
RETRATO DE D. JOÃO VI. O sr. conde de Burnay comprou em Paris um quadro pintado por Peligrini, representando o retrato de El-Rei D. João VI. Este quadrotrem a data de 1850.

MINA DE PETROLEO.—Descobriu-se em Aveiro um filão de petroleo em umas escavações que se estavam fazendo para abrir um poço. Parece que deve ser abundante a mina. Olhem os inglezes não lho doitem a mão.

MINAS DE OURO.—Foi publicado pelos engenheiros inglezes srs. John Stuart e Henry Greenwood um folheto noticiando a existencia de riquissimas minas de ouro, em territorios portuguezes ao sul do Zambéze, em Manica e no Garongoso. N'esse folheto faz-se apelo aos capitães que queiram concorrer á exploração d'estes preciosos thesouros auríferos.

SERVIR.—Deve vender-se em Londres um magnifico serviço de mesa, de Serres pertencente a lord Oxenbridge, avaliado em 45.000.000 réis.

Este serviço é o immediato em belleza e valor ao que pertence a casa imperial da Russia, e ao serviço de sobre-mesa da casa Real de Inglaterra e que está avaliado em 215.000.000 réis. Foi feito para Luiz XVI e depois adquirido por Jorge IV de Inglaterra. E em fundo azul com desenhos de Legnay e medallhões de Dodin.



PUBLICAÇÕES

Catalogo Illustrado da fabrica de ornatos de igrejas creada em 1804 L. Diharee. Bayonne, França. Esta casa fornecedora de S. M. O Rei de Hespanha e de muitos prelados, apresenta no seu catalogo grande variedade de alfaias relogerias de muito bom gosto, e offerce grandes vantagens nos seus fornecimentos.

Adolpho, Modesto & C.^{as}—IMPRESSORES